

# INFLUÊNCIA DA TEMPERATURA NO CRESCIMENTO E SOBREVIVÊNCIA DE JUVENIS DO PEIXE-PALHAÇO *Amphirion ocellaris* (Pomacentridae) EM LABORATÓRIO.

Alice Lins\*, Marcelo R. P. Shei & Luís André Sampaio.

Universidade Federal do Rio Grande – Instituto de Oceanografia – Laboratório de Piscicultura Marinha. C.P. 474 – CEP 96201-900 – Rio Grande – RS – Brasil

[\\*asl@superig.com.br](mailto:asl@superig.com.br)

## Introdução

A pesca de peixes ornamentais é uma atividade comercial internacional crescente, onde ca 45 países fornecem peixes ornamentais para o mercado (Wood, 2001). O Brasil é um dos principais fornecedores de peixes ornamentais de água doce (Prang, 2001) e um importante fornecedor de espécies marinhas (Wood, 2001). O comércio mundial de organismos ornamentais marinhos representa cerca de 10% do total de animais ornamentais comercializados e vem se popularizando cada vez mais (Lem, 2001).

Dentre as 1.400 espécies de peixes ornamentais marinhos comercializados (Wabnitz et al, 2003), apenas ca 72 são produzidas em cativeiro (Moe, 2003), caracterizando esta atividade como extrativista (Tlusty, 2002). O cultivo de peixes ornamentais é visto como uma possível alternativa à captura de espécimes selvagens, minimizando o impacto sobre suas populações e ajudando a sustentar o mercado (Tlusty, 2002).

Teleósteos da Família Pomacentridae correspondem quase à metade do comércio de peixes ornamentais marinhos. Entre elas, as espécies de *Amphirion*, conhecidos como peixes-palhaço, representam o grupo mais importante e o falso pércula *Amphirion ocellaris* é uma das espécies mais comercializadas (Wabnitz et al, 2003).

Dentre os diversos parâmetros físico-químicos, a temperatura da água é uma das variáveis mais importantes no cultivo de peixes por afetar o crescimento e a sobrevivência dos organismos (Rogers e Westin, 1981).

O objetivo deste trabalho foi determinar a influência da temperatura no crescimento e sobrevivência de juvenis de *A. ocellaris*.

## Materiais e Métodos

Juvenis de *A. Ocellaris* (peso inicial de 50 mg) provenientes de um criador (Cássio Ramos Aqüicultura – São Paulo) foram distribuídos e aclimatados em tanques de 15 L por um período de três dias à diferentes temperaturas: 25, 29 e 33°C. Todos os tratamentos tiveram três repetições e a densidade de estocagem foi de 11 animais/tanque. As temperaturas foram mantidas através de aquecedores submersíveis com termostato. Os tanques ficaram sob constante aeração, sob fotoperíodo de 12C:12E, salinidade 32 e pH 8,4, com 50% de troca de água diariamente. A alimentação foi realizada quatro vezes ao dia com ração comercial para peixes marinhos (INVE RND 59% de proteína e 16% de lipídios) até a saciedade aparente. O experimento teve duração de 30 dias e a cada 10 dias os peixes foram pesados e seu comprimento foi medido.

Os resultados foram analisados através da Análise de Variância de uma via seguida do Teste de Tukey ao nível de significância de 95%.

## Resultados

A temperatura média observada ao longo do experimento foi de  $25,3 \pm 0,6$ ,  $29,1 \pm 0,4$  e  $32,6 \pm 0,6^\circ\text{C}$ . Nestas temperaturas não foi observada mortalidade dos juvenis de *A. ocellaris*.

O comprimento e o peso final foram iguais a 1,93, 2,24 e 2,12 cm e 1,2, 2,0 e 1,7 g nas temperaturas 26, 29 e  $32^\circ\text{C}$ , respectivamente. A conversão alimentar foi de 173,9, 83,1 e 158,6 respectivamente a 25, 29 e  $33^\circ\text{C}$ .

A taxa de crescimento específico diário foi de 2,92, 4,62 e 4,08%/dia. O crescimento dos peixes criados na temperatura de  $26^\circ\text{C}$  foi significativamente menor ( $P < 0,05$ ) que os peixes cultivados em  $29^\circ\text{C}$ , porém este último não teve diferença significativa ( $P > 0,05$ ) daqueles cultivados à  $32^\circ\text{C}$ .

## Conclusão

Segundo os resultados do presente estudo, nessas condições, a temperatura de  $29^\circ\text{C}$  é a melhor para o crescimento os juvenis de *A. ocellaris*.

## Referências

- LEM, A., 2001. International trade in ornamental fish. Proceedings of the 2<sup>o</sup> International conference on marine ornamentals: collection, culture and conservation. November 26 – 1 December 2001. Orlando, USA. p. 54.
- MOE, M. A., 2003. Culture of marine ornamentals: for love, for money and for science. In: Cato, J.C., Brown, C.L. (Eds.), Marine ornamental species: collection, culture and conservation. Iowa State Press, Ames, pp.11–28.
- PRANG, G., 2001. Aviamiento and the ornamental fishery of the Rio Negro, Brazil: implications for sustainable resource use. In: Chao L.N., Petry P., Prang G., Sonneschien L. and Tlusty M. (eds), Conservation and Management of Ornamental Fish Resources of the Rio Negro Basin, Amazonia, Brazil – Project Piaba. EDUA, Manaus, Brazil, pp. 43–73.
- ROGERS, B. A. & WESTIN, D. T., 1981. Laboratory studies on effects of temperature and delayed initial feeding on development of striped bass larvae. American Fisheries Society, 110:100-110.
- TLUSTY, M., 2002. The benefits and risks of aquacultural production for the aquarium trade. Aquaculture. 205: 203-219.
- WABNITZ, C., TAYLO, M., GREEN, E., RAZAK, T., 2003. From ocean to aquarium. UNEPWCMC, Cambridge, UK. 66pp.
- WOOD, E., 2001. Collection of coral reef fish aquaria: global trade, conservation issues and management strategies. Mar. Conserv. Soc. U.K, 80 pp.